

Nota do Editor

No dia 10 de dezembro de 1950, William Faulkner iniciou seu discurso de aceitação do Prêmio Nobel com as seguintes palavras “Eu sinto que este prêmio não foi feito para mim como um homem, mas para meu trabalho – o trabalho de uma vida na agonia e suor do espírito humano, não para glória e menos ainda para lucro...”

Assim como a arte transcende o artista, a poesia transcende o poeta. Faulkner mais tarde percorreu a respeito da importância da obra sobre o artista em uma entrevista ao *The Paris Review* em 1956. Ao se referir à futilidade do conflito a respeito da autoria dos trabalhos de Shakespeare, ele argumenta “o que é realmente importante é *Hamlet* e *Sonho de Uma Noite de Verão*, não quem os escreveu, mas o fato de que alguém o fez. O artista não tem importância. O que ele cria, isso é importante.”

Isto é o que eu tinha em mente quando eu comecei editar *100 Grandes Poemas da Índia* e seu volume companheiro *Outros 100 Grandes Poemas da Índia*. As antologias poéticas que eu experienciei têm uma ênfase clara nos poetas, engrandecidos em títulos como *Ten Twentieth Century Indian Poets*, *Twelve Modern Indian Poets*, *Nine Indian Women Poets* or *60 Indian Poets*. *These My Words*, editado por Eunice de Souza e Melanie Silgado, que, de outra forma, poderia ser intimidante e inacessível para pessoas comuns, pode ser uma exceção. Estes trechos do poema ‘Conhecendo Poetas’ de Eunice de Souza dizem:

Eu fico desconcertado às vezes
pela cor das meias deles
a suspeita de uma peruca
na voz uma vespa

e, às vezes, um ar de desprezo.
Melhor é conhecê-los nos poemas:
agradáveis conchas esmaltadas
através das quais alguém escuta
um triste porém distante mar

Um leitor comum não precisa saber quais prêmios um poeta ganhou, quantos livros publicou ou de quais festivais participou; o charme e a força de um único poema é suficiente para tocar o leitor. A poesia sobrevive aos poetas por causa de seu valor atemporal e intrínseco. Isso posto, não entendo a obsessão dos antologistas de poesia indiana do século XX com poetas.

Durante minha infância em Bihar, eu era fascinado por *Rashmirathi* de Ramdhari Singh Dinkar. Quando eu estava na série quatro, eu me deparei em casa com a cópia gasta deste livro que era de meu pai. A mágica que senti no som e energia das palavras em *Rashmirathi* permanece comigo até hoje. Este épico Hindi conta a história de Karna, Krishna, Pandavas e Kauravas. Foi minha primeira lição tanto em literatura quanto em ciência política e diplomacia. Frequentemente leio o terceiro canto e o memorizo com o coração. Ainda o faço. Tentei, sem sucesso, traduzir esta obra para o inglês. A mágica das palavras nativas se perde na tradução; e, assim, versos de *Rashmirathi* não encontram seu lugar nas antologias de grandes poemas indianos. Por essa mesma razão da incapacidade de tradução da mágica das palavras, uma série de outros grandes poemas, não puderam se encaixar nessa antologia.

Editar *100 Grandes Poemas da Índia* tem sido um trabalho de amor para mim. Tenho lido praticamente todas as antologias de poesia que foram publicadas até agora, de diferentes idiomas e regiões geográficas da Índia. Esta antologia inclui poemas de 28 línguas indianas: Assamese, Bengali, Bhili, Dogri, Inglês, Gondi, Gujarati, Hindi, Kannada, Kashmiri, Khasi, Kokborok, Konkani, Maithili, Malayalam, Marathi, Nepali, Oriya, Persa, Punjabi, Rajasthani, Sânscrito, Santhali, Sindhi, Tamil, Telugu, Urdu e línguas Prakrit, incluindo Pali. O canvas desta coleção se esforça para cobrir mais

de 3000 anos de poesia indiana. Curiosamente, juntamente com muitos nomes bem conhecidos, alguns poetas cujos grandes poemas estão incluídos na antologia são praticamente desconhecidos mesmo em rodas de poesia. Poemas incluídos nesta antologia têm tons de todos os *rasas* (que se traduz grosso modo como sabores), incluindo erótico, cômico, heróico, de horror entre outras e cobre quase todas as tradições da poesia indiana, incluindo a poesia *bhakti*. As vozes distintas das comunidades tribais, dalit, feminista e LGBT também encontram espaço nesta coleção.

Meu propósito em editar *100 Grandes Poemas da Índia* é levar grandes poemas indianos para o mundo. Isso me foi confiado depois de ter trazido alguns dos melhores poemas do mundo para a Índia em *CAPITALS* em 2017. Esta edição em português, intitulada *100 Grandes Poemas da Índia*, é um passo nessa direção. É resultado de um trabalho em grupo de 14 dedicados tradutores de diferentes partes do Brasil. Esta publicação em parceria com o Departamento de Letras da Universidade de São Paulo, é um evento de grande importância literária pois traz pela primeira vez mais de 3000 anos de poesia indiana, escritas em 28 línguas indianas, para o mundo de língua lusófona.

O que torna um poema grande? Existe uma definição padrão para um grande poema? Eu tenho uma resposta simples para esta pergunta. O que me move é grande para mim. Pode ser uma pintura, uma música, uma fotografia, um poema ou qualquer coisa debaixo do sol. Não penso que exista ou possa existir uma definição universal de grandiosidade. Até mesmo Buddha, o iluminado, aconselhou seus seguidores a não acreditar no que ele dissesse sem antes verificar a veracidade eles próprios, a não seguirem seu caminho mas a acharem seu próprio caminho. Nesta mesma linha, sugiro que você, caro leitor, encontre seus próprios poemas. Faça suas próprias antologias.

Esta antologia se inicia com um antigo verso de Bhavabhuti, que, olhando acima de seu ombro, lembra as realizações de mestres do passado mas não sem homenagear a linguagem – o veículo do espírito poético pelo mundo. Que a poesia viva, e linguagens prosperem em nosso mundo problemático.

Os poemas desta coleção estão organizados em ordem alfabética de títulos ao invés das datas cronológicas de publicação, assim foi feito para enfatizar a natureza atemporal da grande poesia. Há uma série de poemas que não consegui incluir aqui por não conseguir as permissões. Alguns desses poemas são ‘Self Portrait’ de A.K. Ramanujan, ‘Station Dog’ de Arun Kolatkar, ‘Night of the Scorpion’ de Nissim Ezekiel, ‘Postcard from Kashmir’ de Agha Shahid Ali, ‘The Vaiyai Poems’ de Paripatal, ‘Indigo’ de Chitra Banerjee Divakaruni, ‘One chooses a language’ de Zulfikar Ghose, *Bhagavad Gita*’s Capítulo IX traduzido por Stephen Mitchell, ‘In the Cemetery’ de Karaikkal Ammaiyar, ‘Whatever wound a man inflicts on a woman’ de Vatsyayana, ‘Woman’ de Hira Bhansode, ‘The First Book’ de Amrita Pritam, entre outros.

Li e reli esses poemas, em épocas de alegria e tristeza; e enquanto eu os lia, entrava em estado de êxtase. Desejo também a você caro leitor, uma jornada inesquecível com esses *100 Grandes Poemas da Índia*.

Abhay K.

Traduzido por Carla Soares